

Vestígios do Ensino de Matemática em um Grupo Escolar Capixaba

Ana Cláudia Pezzin²²⁹

Moysés Gonçalves Siqueira Filho²³⁰

RESUMO

Apresenta os resultados da pesquisa realizada por Pezzin (2012) ao Curso de Especialização em Ensino na Educação Básica, do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES, sob a orientação do Prof. Dr Moysés Gonçalves Siqueira Filho, intitulada *Grupo Escolar Amâncio Pereira (1946-1975): Organização, Contexto Histórico e Educação Matemática*. Considera as atividades escolares vivenciadas durante o século passado no Grupo Escolar Amâncio Pereira localizado na cidade de São Mateus/ES. Situa as práticas escolares em termos sociais, políticos e econômicos. Utiliza arquivos como fontes primárias, além de reflexões e compreensões possibilitadas pelas fontes secundárias. Considera o cenário socioeconômico do país e a promessa de progresso que os Grupos Escolares representavam para as camadas mais populares da sociedade que, em sua maioria não tinha acesso à educação.

1. Considerações Preliminares

Em geral, as pesquisas que abarcam o tema Grupo Escolar se preocupam com as origens ou com a implantação desse sistema educacional em nosso país. Elas contribuem para o conhecimento da História da Educação Brasileira, especialmente para o entendimento das mudanças que ocorreram no antigo ensino primário. Segundo Souza e Faria Filho (2006, p. 25), as possíveis análises a partir desses estudos “[...] nos permitem interrogar e aprofundar o conhecimento acerca da democratização da escola pública e das permanências e mudanças em educação [...]”, além de tornar possível a compreensão da cultura escolar da época.

Podemos perceber, então, a existência de duas vertentes nessa área de pesquisa. A primeira, de âmbito mais geral, voltada para a caracterização de implantação dessa

²²⁹ Mestranda em Ensino na Educação Básica na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES - Campus São Mateus. anaclaudiapezzini@hotmail.com

²³⁰ Docente na Universidade Federal do Espírito Santo/UFES - Campus São Mateus. moysessiqueira@uol.com.br

modalidade de ensino nos estados brasileiros e a segunda, focada nos aspectos cotidianos de uma escola ou de um grupo de escolas (SOUZA e FARIA FILHO, 2006). Optamos pela segunda vertente, uma vez que buscávamos compreender e identificar alguns elementos históricos de um determinado Grupo Escolar em um determinado período, no caso, o Grupo Escolar Amâncio Pereira²³¹, construído no início do século XX na cidade de São Mateus, localizado na região norte do Espírito Santo, como também, detectar alguns indícios do processo ensino-aprendizagem da Matemática. Portanto, com este trabalho procuramos refletir sobre a questão: *Como ocorriam as ações pedagógicas no Grupo Escolar Amâncio Pereira e de que maneira essas ações implicaram o desenvolvimento do Município de São Mateus?*

A pesquisa passou por diversas discussões e debates e nos revelou direcionamentos para buscarmos outros documentos ou outras localidades espírito-santenses, o que não nos foi possível naquele momento em função do escasso prazo para coletar dados, analisá-los e produzir um texto final.

2. Um pouco de história acerca dos Grupos Escolares

O sistema educacional brasileiro passou por significativas mudanças no decorrer de sua história. O primeiro modelo de educação sistematizada foi organizado pelos jesuítas, que desembarcaram no Brasil em 1549, com o intuito de catequizarem os que aqui viviam. Desde então, a educação sofreu Reformas e Movimentos na busca por qualidade de ensino e por escolas mais acessíveis a todos.

Anos mais tarde, mais precisamente em 1889, com a Proclamação da República, a instrução popular no Brasil esteve sob a responsabilidade dos estados. Foi então, a partir de 1893, no estado de São Paulo, que as escolas isoladas²³² foram substituídas pelos chamados Grupos Escolares. Segundo Pinto (2010) uma reforma na instrução pública paulista culminou com a criação dos Grupos Escolares de acordo com a Lei n.

²³¹ De acordo com Réboli [s.d.], Amâncio Pinto Pereira, Ilustre cidadão capixaba, nasceu em 8 de abril de 1862 na cidade de Vitória/ES. Ainda na juventude se manifestava em favor da abolição da escravidão por meio da imprensa. Foi fundador e redator de dois jornais, além de ter colaborado com vários outros. Publicou também muitos livros, abrangendo desde trabalhos didáticos até peças teatrais. Pertenceu ao Instituto Histórico da Bahia, aos Institutos de História e Geografia de Sergipe, da Paraíba e do Espírito Santo, além de fazer parte da *Société Académique de Histoire Internationale de Paris*. Tinha intenção de seguir carreira jurídica, no entanto, formou-se professor primário e exerceu as profissões de historiador, escritor, jornalista, teatrólogo e compositor. Faleceu em 13 de agosto de 1918.

²³² Escolas criadas para a difusão da instrução primária para população habitante de regiões afastadas dos centros urbanos (SILVA, 2004).

169 de 7 de agosto de 1893, a qual estabelecia, dentre outras determinações, o funcionamento de várias escolas em um só prédio. Souza (2006) afirma que essa mudança representou uma das mais importantes inovações educacionais ocorridas no Brasil. Políticos e educadores paulistas pretendiam modernizar a educação.

O primeiro Grupo Escolar foi criado em São Paulo e estabeleceu-se como modelo para os outros estados, nos quais as instituições foram instaladas de forma e temporalidade diferentes:

[...] os Grupos Escolares emergiram ao longo das duas primeiras décadas republicanas nos estados do Rio de Janeiro (1897); do Maranhão e do Paraná (1903); de Minas Gerais (1906); da Bahia, do Rio Grande do Sul, do Espírito Santo e de Santa Catarina (1908); do Mato Grosso (1910); de Sergipe (1911); da Paraíba (1916) e do Piauí (1922) [...] (VIDAL, 2006, p. 7).

Podemos verificar, no sistema educacional atual, vestígios dos Grupos Escolares, como por exemplo, o sistema de seriação, isto é o agrupamento dos alunos nas turmas de acordo com seu grau de conhecimento medido por meio de exames:

[...] Essa nova organização de ensino foi reflexo da filosofia positivista que se estabeleceu fortemente no final do século XIX. [...] os positivistas acreditavam que a educação só poderia se difundir através da ordem social e, para isso, foi necessária a criação de escolas divididas em séries. [...] A criação dos Grupos Escolares significou e confirmou a concretização do capitalismo nas sociedades ocidentais rumo ao movimento de modernização (FERREIRA, 2000, p. 1 - 2).

Além disso, os Grupos Escolares foram responsáveis por avanços no contexto social do país, como a presença feminina no magistério e o envolvimento da sociedade com as atividades escolares. Bencostta (2006) relata o patriotismo dos Grupos Escolares de Curitiba, mas ressalta que muitas das significações encontradas por lá estão inseridas na realidade dos Grupos Escolares de todo o país, segundo o mesmo autor (2006, p. 317) era marcante a “[...] participação da população, estando presente e apoiando os desfiles [patrióticos]”. Outro aspecto que evidencia a participação da população no meio escolar refere-se à criação dos chamados “Caixas Escolares” como um fundo de recursos provenientes de doações. Pezzin (2012, p. 44), descreve sobre a fundação do Caixa Escolar no Grupo Escolar Amâncio Pereira no Espírito Santo:

Segundo o jornal *O São Matheus*, o Caixa Escolar do Amâncio Pereira foi fundado em 20 de março de 1928, numa solenidade em um dos

salões do Grupo Escolar, que “[...] achava-se repleto de pessoas [...]”. Conforme o jornal, em tal solenidade o Inspetor Escolar Flavio Moraes discursou sobre a importância dos caixas escolares.

Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, podemos perceber a preocupação existente com os Exames de Admissão²³³. As famílias adquiriam livros e manuais para que o estudante se preparasse para aqueles exames, que se apresentavam como uma barreira para os mais pobres. Dessa forma, muitas crianças abandonavam os estudos após a conclusão do curso ofertado nos Grupos Escolares.

A criação dos Grupos Escolares, uma bandeira de luta dos republicanos, trazia consigo características de escolas implantadas na Europa e nos Estados Unidos, denominadas escolas graduadas (SOUZA, 2006). Representando *status* de progresso e eficiência no processo ensino e aprendizagem, esse modelo de instituição consubstanciou novos métodos e novas práticas pedagógicas na formação de professores e no desenvolvimento dos alunos.

Sendo assim, identificar de que forma se dava o Ensino de Matemática nos Grupos Escolares no Brasil, em geral, e no Grupo Escolar Amâncio Pereira, em particular, acabou por ser outro objetivo de nosso trabalho.

3. O Diálogo com as fontes

Partimos da obtenção e análise de alguns documentos, os quais denominamos fontes primárias, acerca do Grupo Escolar Amâncio Pereira, e a partir deles avançar em busca de outros, os quais denominamos fontes secundárias, entre elas, Vidal (2006); Coutinho (1993), Saviani (2006); Ferreira (2000); Pinto (2010).

Em meados do século XIX, foram criadas, na província do Espírito Santo, escolas primárias e secundárias, com muitos problemas e deficiências. Entretanto, as grandes mudanças na instrução pública capixaba só iriam acontecer nas primeiras décadas do século XX, no então governo de Jerônimo Monteiro²³⁴, sobretudo com a nomeação do professor paulista Carlos Alberto Gomes Cardim, como Diretor da Escola Modelo e, posteriormente, como Inspetor Geral de Ensino. Com a sua chegada, a educação, nos

²³³ Exames de seleção aplicados aos alunos que concluíam o ensino primário e desejavam ingressar no ensino secundário.

²³⁴ Nasceu em Cachoeiro de Itapemirim/ES em 1870. Concluiu o ensino primário em sua própria cidade; cursou o ensino secundário na cidade de Itu/SP e bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi governador do ES no período de 1908 a 1912. Faleceu em 1933 (FERREIRA, 2000).

quatro anos deste governo, foi reestruturada. O número de escolas primárias, praticamente, dobrou e a educação secundária foi remodelada. De acordo com Coutinho (1993, p. 79)

[...] Ele modificou edifícios, programas de treinamento de professores, metodologias de ensino, disciplina escolar, e equipou os inspetores com cavalos para viajar para as áreas rurais. Tornou a escola um centro atrativo para as crianças [...]. Lutou também contra o autodidatismo de professores e eliminou a palmatória.

Com o passar dos anos, enquanto aumentava o número de Grupos Escolares pelos centros urbanos, o Espírito Santo concentrava em seu território uma população tipicamente rural, representando 79,2% dos seus habitantes em 1950. Diante dessa situação, no período de 1946 a 1952, foram estabelecidos acordos com o Governo Federal para a construção e equipamentos de Escolas Rurais, sendo que doze dessas escolas seriam Grupos Escolares. Embora tenham recebido a denominação de Grupo Escolar Rural, a organização dos prédios escolares rurais se aproximava mais das escolas isoladas e escolas reunidas, pois possuíam poucas salas de aula, não havia um professor para cada classe, tampouco um diretor (FALCÃO, 2010).

A ideia do Grupo Escolar e sua concretização foram um marco importante na história da Educação do Espírito Santo e de todo o país. A certeza de uma educação de qualidade e acessível foi difundida no cerne da sociedade da época. Para garantir ser esse um sistema realmente revolucionário e que estava dando resultados, notas, como as datas de encerramento das atividades e da reabertura do ano letivo foram publicadas nos jornais, a fim de convencer a todos da eficiência do novo sistema de ensino.

Porém, havia os que discordavam ou desconfiavam das imposições que se apresentavam. É o caso de Mesquita Neto que publicou em 21 de outubro de 1928 no jornal *O São Mateus* (Ano II, 29. ed.) um texto intitulado “Deseducadores...”. Segundo Maciel de Aguiar²³⁵, poucos jornalistas tiveram tal coragem para “incomodar um governo de exceção”:

Elle aproximou-se de mim com ar de superioridade, qual figura de muita importância. [...] se tratava de um professor — desses, como ha tantos, convencidos de que sabem de mais, para ensinar, porém, nos deixam apenas a impressão de que nada sabem e que são,

²³⁵ Sebastião Maciel de Aguiar, morador de São Mateus, reconhecido por seu talento como escritor, poeta e historiador.

simplesmente — diga-se a verdade — prejudiciaes à mocidade estudantesca. Instrução! Instrução! Como te lamento! [...] A causa da instrução, no Brasil, é sobremaneira, desservida. É uma vergonha! Os professores e os métodos de ensino de antanho eram melhores que os de agora [...].

Considerado um jornalista ousado e crítico, Octávio José de Mendonça, seu nome de batismo, nasceu em 12 de março de 1900, no estado de Alagoas, se destacando, também, como poeta, romancista, teatrólogo, contista e professor (NARDOTO e OLIVEIRA, 2001). Fez história no Município de São Mateus por denunciar condutas desonestas do Estado e criticar os métodos de ensino, o processo de formação de professores e a política educacional inserida no funcionamento dos Grupos Escolares.

Evidentemente que o surgimento de uma organização educacional, que propunha harmonizar os interesses individuais com os coletivos, estimular a espontaneidade, contrariar os princípios da pedagogia tradicional, provocasse desalentos e críticas em meio à sociedade. Embora a implantação dos Grupos Escolares não tenha se dado diretamente em função do Movimento Escola Nova, um de seus princípios – laicidade – provocou certa disputa entre católicos e escolanovistas pela hegemonia educacional, para os primeiros, uma escola laica era incapaz de educar (SAVIANI, 2006). Identificamos a condição religiosa de professores, alunos e pais do Grupo Escolar Amâncio Pereira no documento *Registro Escolar: Matrícula, professôres e aparelhamento escolar* (1969). Nele, as informações dadas por funcionários do setor administrativo, mostram que, praticamente, todas as pessoas listadas se declararam católicas.

Noutro documento, *Livro de Classe* (1969), impresso durante o governo de Cristiano Dias Lopes Filho²³⁶, traz em sua contracapa, um texto extraído e adaptado do livro “Pedagogia Científica”, do educador cubano Alfredo Miguel Aguayo (1866 - 1948), o qual “[...] se situa entre os partidários da Escola Nova que adotaram uma postura conservadora, mais cientificista e menos política” (SOUZA, 2011, p. 130). A obra teve ampla recepção entre os educadores brasileiros, pois tratava da formação de professores e estimulava o senso crítico sobre seu trabalho, uma espécie de auto

²³⁶ Nasceu em Bom Jesus do Norte/ES em 1927. Trabalhou como professor, jornalista, advogado e político. Foi governador do ES no período de 31/1/1967 a 15/3/1971. Faleceu em 2007.

avaliação e a partir dela uma reflexão sobre os objetivos elencados e alcançados no decorrer das aulas.

Por volta dos anos 1970, o *Livro de Classe* foi substituído pelo *Diário de Classe*, menor, mais prático e sem tantas instruções de preenchimento. Algumas instruções se mantiveram inalteradas, como por exemplo, a listagem com o nome dos alunos, separada por sexo; o cálculo da frequência média e o da porcentagem de frequência.

Porém, o registro no *Diário de Classe* (1973) dos conteúdos trabalhados em sala de aula, feitos no campo “Matéria Lecionada - Resumo” foi outra mudança significativa em relação ao *Livro de Classe*, no qual não havia espaço para este procedimento.

4. Vestígios da Matemática ensinada no Grupo Escolar Amâncio Pereira

Quando se busca esclarecer questões relativas ao Ensino de Matemática nos séculos passados, é crucial relacionar os aspectos das Reformas que perpassaram o desenvolvimento dessa disciplina.

Como dito anteriormente, não nos foi possível, à época da realização da pesquisa, em função do esgotamento do prazo, buscarmos outros documentos, entretanto, obtivemos um único documento que fazia referência à Matemática. O quadro a seguir mostra-nos os conteúdos matemáticos registrados mensalmente, durante o ano letivo de 1973, referente a uma 4ª série do Grupo Escolar Amâncio Pereira:

QUADRO 1 – *Diário de Classe* de 1973/4ª série – Grupo Escolar Amâncio Pereira

Meses	Conteúdos registrados
Março	<i>Conjuntos, Conjunto Universo, Conjunto Unitário, Conjunto vazio, Operação União, correspondência entre conjuntos, sistema de numeração, dezena e unidade, números pares e ímpares.</i>
Abril	<i>Conjunto intersecção, número e numeral, sistema de numeração decimal, ordens e classes, leitura de números, escrita dos números, valor absoluto e valor relativo, numeração romana, operações fundamentais com números inteiros, propriedades da adição.</i>
Maio	<i>Subtração, propriedades da subtração, multiplicação e propriedades, divisão e propriedades, problemas com as quatro operações.</i>
Junho	<i>Expressões, problemas com as quatro operações, múltiplos de um número, divisores de um número, fatoração, divisibilidade, exercícios, problemas.</i>
Julho	<i>Continuação de Divisibilidade, fatoração e divisores comuns, números primos, tábua de Crivo de Eratóstenes, reconhecimento de número primo, exercícios.</i>
Agosto	<i>Números primos, exercícios e problemas, expressões numéricas com as quatro operações, potenciação, potência com as bases iguais na multiplicação e divisão, potência de potência.</i>

Setembro	<i>Máximo divisor comum, exercícios, Mínimo Múltiplo comum, exercícios, problemas, fração, exercícios, problemas.</i>
Outubro	<i>Continuação de fração, frações próprias, fração imprópria, fração aparente, comparação de frações, redução ao mesmo denominador, ordem crescente e decrescente das frações, simplificação de frações, soma de frações, subtração de frações, exercícios.</i>
Novembro	<i>Multiplicação de frações, divisão de frações, cancelamento, extrações de números inteiros, transformação em número misto, números decimais, leitura números decimais; adição, subtração e multiplicação de números decimais, propriedades, exercícios.</i>

Fonte: Superintendência Regional de Educação de São Mateus.

Note-se que a ênfase dada recai sobre a Aritmética e a Teoria dos Conjuntos, não havendo registros acerca da geometria ou do desenho. Podemos demarcar que os conteúdos discriminados, em 1973, se inserem nos moldes da matemática moderna.

O Movimento da Matemática Moderna, iniciado por volta dos anos 1960, segundo Matos e Valente (2010, p. 1), tratou de “[...] renovar fundamentalmente o ensino da Matemática. Um traço marcante é a preocupação com uma mudança de conteúdos [...] que estariam na base de todo conhecimento matemático [...]”. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 20), com esse movimento,

O ensino passou a ter preocupações excessivas com abstrações internas à própria Matemática, mais voltadas à teoria do que à prática. A linguagem da teoria dos conjuntos, por exemplo, foi introduzida com tal ênfase que a aprendizagem de símbolos e de uma terminologia interminável comprometia o ensino do cálculo, da geometria e das medidas.

A aprendizagem era centrada no professor e no seu papel de transmissor e expositor de conteúdos. O aluno mantinha um comportamento passivo, cujo aprendizado consistia na memorização e na reprodução precisa dos raciocínios e procedimentos ditados pelo professor ou pelo livro (FIORENTINI, 1995).

De acordo com Pinto (2010, p. 9), “uma das principais iniciativas do Movimento da Matemática Moderna no Brasil foi reconfigurar o programa de Matemática do curso ginásial [...]”, posteriormente passou a intervir no currículo do ensino primário. Inicialmente ocorreram mudanças nas questões matemáticas dos exames admissionais, cujas resoluções consistiam em cálculos descontextualizados. Consequentemente, aconteceram mudanças no ensino de Matemática dos Grupos Escolares do país, visto

que estas instituições ofertavam o ensino primário que preparavam os estudantes para os exames de admissão:

Em 1960, com a chegada da matemática moderna, há uma ruptura substancial na tradicional aritmética da escola primária que não se restringe à alteração dos conteúdos. Objetivos e métodos de ensino e de aprendizagem também são modificados [...]. O lápis e a tinta das antigas práticas da escrita dão lugar à caneta esferográfica, símbolo da modernidade tecnológica dos anos 60. Os registros dos avaliadores consistem em assinalar os erros (crucificá-los!), concentram-se apenas nas respostas (PINTO, 2010, p. 35).

Buscava-se a partir de então, especialistas em matemática, formados em meio a um ensino fragmentado, desconexo, impossibilitando posturas criativas e críticas dos aprendizes. Com a adesão da Matemática Moderna no currículo escolar por volta dos anos 1960, as orientações metodológicas passaram a compor uma matemática abstrata e desligada da realidade.

5. Considerações Finais

A pesquisa realizada nos permitiu compreender o processo de criação, implantação e funcionamento dos Grupos Escolares. Para tanto buscamos entender os caminhos percorridos pela educação brasileira. Com relação ao processo de ensino-aprendizagem, ocorreram mudanças no método de ensino²³⁷, assim como modificações no currículo de Matemática com o início do Movimento da Matemática Moderna por volta da década de 1960. Inicialmente, o Movimento previa a alteração no programa do curso ginásial, agregando, posteriormente o ensino primário, o que influenciou diretamente as atividades nos Grupos Escolares. A justificativa de tais mudanças pautava-se na necessidade do progresso tecnológico e econômico do país, sob a alegação de que a formação matemática dos cidadãos contribuiria para esse desenvolvimento.

²³⁷ Com a implantação dos Grupos Escolares, os métodos de ensino individual e tradicional cederam lugar ao simultâneo e intuitivo.

6. Referências

BENCOSTTA, M. L. A. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, D. G. (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 - 1971)**. Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 299-321.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática/5ª a 8ª séries**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUTINHO, J. M. **Uma História da Educação no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura/ Secretaria de produção e Divisão Cultural UFES, 1993.

FALCÃO, E. B. de L. **História do ensino da leitura no Espírito Santo (1946-1960)**. 2010. 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

FERREIRA, L. V. A História dos Grupos Escolares no Espírito Santo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 2000, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/164_viviane.pdf. Acesso em: 26 nov. 2011

FIORENTINI, D. Alguns modos de ver e conceber o ensino da Matemática no Brasil. **Zetetiké**, Campinas:UNICAMP, ano 3, n. 4, p.1-37. 1995.

MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. Estudos comparativos sobre a reforma da Matemática Moderna. In: _____. **A reforma da Matemática Moderna em contextos ibero-americanos**. Portugal: [s.n.], 2010. p. 1-8.

NARDOTO, E. O.; OLIVEIRA, H. L. **História de São Mateus**. 2 ed. São Mateus: Atlântica, 2001.

PEZZIN, A. C. **Grupo Escolar Amâncio Pereira (1946-1975): Organização, Contexto Histórico e Educação Matemática**. 2012. 79f. Monografia (Especialização em Ensino na Educação Básica) - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2012.

PINTO, N. B. O impacto da Matemática Moderna na cultura da escola primária brasileira. In: MATOS, J. M.; VALENTE, W. R. (Ed.). **A reforma da Matemática Moderna em contextos ibero-americanos**. Portugal: [s.n.], 2010. p. 9-40.

RÉBOLI, A. V. **Amâncio Pereira**: um representante da elite mulata capixaba. [s.d.]. Projeto de Pesquisa do CNPq, Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em < <http://www.cchn.ufes.br/nudes/relatorios/8.pdf>>. Acesso em 20 de mar. 2012.

SAVIANI, D. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: _____. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 9-57.

SILVA, D. G. da. Ilhas de Saber: Representações e práticas das escolas isoladas do estado de São Paulo (1933-1943). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Disponível em < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/160.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

SOUZA, R. F. de. Lições da Escola Primária. In: SAVIANI, D. [et al.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 109-161

SOUZA, R. F. de; FARIA FILHO, L. M. de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos Escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893 - 1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006. p. 21-56.

SOUZA, R. A. de. O ensino de história na perspectiva intelectual de Alfredo Miguel Aguayo. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n. 43, p. 118 -131, set. 2011. Disponível em < http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/43/art09_43.pdf>. Acesso em 14 de Jan. 2012.

VIDAL, D. G. (org.). **Grupos Escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: mercado das letras, 2006.